

Os riscos da dívida brasileira para os EUA

Uma detalhada análise dos interesses estratégicos norte-americanos sobre o Brasil

Os interesses estratégicos dos Estados Unidos exigem que o governo norte-americano assuma a coordenação internacional para o refinanciamento da dívida externa brasileira. Esta iniciativa deve ser precedida da concessão de ampla assistência médica e alimentar aos brasileiros carentes, de modo a contornar uma situação social "explosiva", cujo resultado pode ser "um regime nacionalista de direita que repudie a dívida externa, tome atitudes contra os interesses econômicos estrangeiros e assuma uma política externa acentuadamente independente e terceiro-mundista".

A advertência consta de longo depoimento prestado a 28 de setembro pelo professor Riordan Roett, diretor do Programa de Estudos Latino-Americanos da Escola de Estudos Avançados da Universidade John Hopkins, de Washington, ao Subcomitê de Política Econômica Internacional, da Comissão de Relações Exteriores do Senado dos EUA. (Leia editorial na página 4.)

Para o professor Roett, "a atual equipe econômica liderada pelo ministro do Planejamento, Antônio Delfim Neto, parece ter encerrado seu período útil. A credibilidade da equipe no Brasil desapareceu".

Há setores que "temem uma mudança abrupta para a esquerda, o que na minha opinião é algo altamente improvável. A reviravolta nacionalista é possível, considerando-se a tendência crescente, em todos os níveis da sociedade, no sentido de rejeitar as medidas de austeridade do Fundo Monetário Internacional e em responsabilizar tanto o Fundo quanto os bancos comerciais privados pelo empobrecimento do Brasil."

O próprio Riordan Roett não aprova a atuação do FMI e dos bancos. "O governo norte-americano precisa reconhecer que a situação no Brasil não pode ficar sujeita aos bancos comerciais privados. As imposições do FMI provavelmente são insuficientes para servir como guia para uma solução política. A questão da dívida é política e apenas uma reação política, liderada pelos EUA, pode fazer frente à situação".

Neste sentido, "o governo norte-americano precisa tomar a iniciativa de organizar um consórcio para analisar a atual crise. O FMI, a Reserva Federal, os bancos comerciais privados dos EUA, Japão e da Europa Ocidental, e o governo brasileiro deverão ser convidados".

Uma iniciativa como esta favoreceria a criação de laços "íntimos e amistosos" entre os dois países. "Apesar de a dívida e o seu financiamento estarem no centro das discussões, na realidade os debates

serão também a respeito do papel do Brasil no sistema internacional (...) e sobre os laços dos Estados Unidos com o Brasil no contexto do papel dos EUA no Hemisfério Ocidental durante as décadas futuras."

Uma aliança com o Brasil é tanto mais importante quanto se verifica a incerteza das futuras relações com Argentina e Chile.

— As consequências da guerra com a Inglaterra, as vendas comerciais à União Soviética, o provocativo programa nuclear — todos estes tópicos, e outros, quando combinados com o interesse argentino numa política externa não-alinhada, indicam que haverá pouco calor no relacionamento entre Washington e Buenos Aires.

Caso o "regime repressivo do general Pinochet (...) sobreviva, ou caso outro general de orientação semelhante venha a sucedê-lo, os Estados Unidos não serão considerados um aliado forte e digno de simpatias. Por outro lado, um regime democrático (...) poderá muito bem nutrir ressentimentos a respeito do suposto papel desempenhado pelos EUA no coup d'État de 1973, que derrubou o presidente Salvador Allende".

O Brasil poderia seguir os chilenos e argentinos numa posição pouco simpática aos interesses norte-americanos, na hipótese de um regime nacionalista de direita.

Riordan Roett adverte, em outro trecho do depoimento, que as Forças Armadas brasileiras intervirem, na hipótese de a situação social desaguar em desordens. "Apesar de o alto comando militar dar a impressão de apoiar completamente o atual processo de liberalização política e de não dar a impressão de ter quaisquer ambições pessoais no atual processo de seleção do sucessor de Figueiredo, está consciente da crescente tensão social e do potencial de violência e de desordem existentes (...) Poucos duvidam que as Forças Armadas reagirão caso as revoltas e os saques se tornem mais difundidos e comuns nos centros urbanos."

A questão social

O professor explica as razões dos distúrbios ocorridos este ano no Rio e em São Paulo.

— O atual declínio do padrão de vida tanto da classe média quanto da classe pobre (...) é, simultaneamente, chocante e dramático. O milagre brasileiro no final da década de 60 e início dos anos 70 criou uma atmosfera na qual a maioria da população (...) esperava conseguir maior participação econômica e social na sociedade.

— Estas expectativas foram destruídas pela crise atual. Centenas de milhares de brasileiros perderam seus empregos (...) e estão à

beira da inanição. Os novos participantes do mercado de trabalho (mais de um milhão todos os anos) praticamente não têm nenhuma possibilidade de emprego. A situação dos pobres piorou. Revoltas (...), nas quais supermercados foram saqueados, indicam o desespero entre os pobres.

Segundo Roett, "de cada mil crianças que nascem no País, 82 morrem antes de atingir o primeiro ano de vida. Todos os anos, o Exército brasileiro rejeita 45% dos novos recrutas em potencial por deficiências físicas: peso abaixo do normal, crescimento defeituoso etc."

Esta situação está relacionada com a queda dos salários reais. "De março de 1977 a março de 1980, o salário mínimo aumentou 203%; os custos dos alimentos subiram 428%. Atualmente, uma família paga 250% a mais do que em novembro de 1982 por cinco produtos básicos de alimentação (arroz, feijão, leite, açúcar e óleo de cozinha), ao passo que os salários aumentaram apenas 90%. Nos últimos 12 meses, o preço dos alimentos subiu 171% no Rio, quase 30 pontos a mais que o custo de vida; no mesmo período, o salário mínimo aumentou apenas 110%".

— Calcula-se — diz ainda o professor — que a desnutrição mata uma criança brasileira a cada 20 minutos. As que sobrevivem enfrentam a possibilidade de anemia, cegueira, deficiência mental (...)

— A produção agrícola é insuficiente para alimentar a população. Em quantidades crescentes, a produção doméstica de alimentos está destinada a exportações. Entre 1969 e 1979, a área plantada com soja cresceu de 906 milhões para 8,3 bilhões de hectares (o Brasil é o segundo maior exportador mundial de soja). Terras usadas noutros tempos para o cultivo de safras alimentares tradicionais foram transformadas em áreas, orientadas para exportação. O Proálcool, com a finalidade de encontrar um substituto doméstico para o petróleo importado, retirou grandes áreas de terras da produção de alimentos.

Citando dados publicados pelo New York Times recentemente, o professor adverte que no final do século a grande maioria dos 80 milhões de adolescentes com 14 anos serão "crianças de rua", uma "sub-raça". "A cada mês, mais de 100 crianças pequenas são abandonadas; 80% da população carcerária de São Paulo são formados por ex-crianças de rua".

Tudo isto também é uma ameaça à segurança dos Estados Unidos que, em consequência, precisam agir com rapidez, porque "o Brasil está falido" e "entrando na maior crise social deste século".